

EXPANDIDO**SEM PÚBLICO NÃO HÁ MUSEU: O IMPACTO DAS AÇÕES DO MART NA CIDADE DE CABO FRIO E REGIÃO**

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

O Museu de Arte Religiosa e Tradicional (MART), única representação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) na Região dos Lagos no estado do Rio de Janeiro, e os habitantes da microrregião protagonizam, desde 2015, significativa aproximação baseada na ressignificação do seu espaço. Além do estabelecimento de um **calendário permanente de exposições temporárias** com mostras de expressões da cultura popular regional, duas experiências em desenvolvimento contribuem para o incremento e a integração da instituição com o público: a **“Música no Convento”** e a **“Feira Agroecológica do Convento”**.

O MART é um museu regional sediado no Convento Nossa Senhora dos Anjos, monumento do final do século XVII tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Originalmente, a preservação dos remanescentes da casa religiosa franciscana figura como uma dentre as suas funções primárias. Porém, caso não trabalhasse criativamente suas políticas públicas de comunicação, a instituição corria o risco de permanecer cerrada em suas grandes muralhas, constrangida pelo dilema que se impõe a seu município-sede. Isso por que Cabo Frio, cidade-polo fundada em 1615, destino turístico do qual o museu é um dos símbolos, ainda sofre uma abordagem esmaecida de sua rica expressão cultural em razão da própria construção das memórias de moradores e visitantes diretamente relacionada ao turismo de sol e praia.

Mesmo com essa realidade, uma pesquisa de público realizada pelo MART em 2012, aplicada a moradores (78% dos entrevistados) e visitantes (22% dos entrevistados) de Cabo Frio, revelou 88% dos entrevistados interessados na cultura e a história regionais, um potencial ainda pouco aproveitado. Apesar deste interesse, porém, na aplicação dos questionários apenas 45% conheciam algum atrativo cultural local e o museu, somente 22%, embora houvesse a intenção de 82% em visitá-lo. Então por que não o faziam? À época da pesquisa, a instituição estava fechada para obras de requalificação, mas esta não seria a principal razão, visto que o MART existe desde 1982. Assim, a reabertura do museu em maio de 2015 veio acompanhada de uma profunda análise sobre os dilemas impostos a uma instituição cuja comunicação precisasse extrapolar seu edifício-sede que, devido a sua própria monumentalidade, persuadia o público a uma leitura do espaço limitada à exposição de seu acervo religioso católico. Dessa forma recorreu-se a ações culturais que dialogassem com as temporalidades do monumento, presente há mais de três séculos na paisagem urbana e testemunha das transformações do município. O resultado foi a veloz recuperação da frequência, associada ao incremento de 20% nos últimos meses, em comparação com o período de funcionamento do museu desde que foi incorporado ao IBRAM. Um resultado extremamente favorável, considerando que o MART reabria suas portas ao público após 15 meses fechado.

As sete mostras temporárias realizadas até o momento tiveram como fio condutor a expressão regional baseada na diversidade de estilos, englobando desde as matérias-primas utilizadas na confecção dos trabalhos apresentados até as trajetórias de cada um dos expositores. Dessa forma, promoveram o amplo intercâmbio de informações com o público de manifestações artísticas que corriam o risco de ficarem restritas a certos redutos urbanos ou, até mesmo, a memórias subterrâneas. Já a **“Música no Convento”**, resgatando uma tradição institucional da década de 1990, apresenta mensalmente artistas vinculados aos mais variados

estilos musicais e do teatro. Nas eventos, o registro do incremento em até cinco vezes na visitação, se comparado aos dias em que não acontecem atividades. Por sua vez, a “Feira Agroecológica do Convento”, em ações que ultrapassam os limites físicos do museu em interação com o espaço urbano e presente nas ruas, dialoga com a história recente do monumento, cujo entorno foi sede da feira municipal nos anos 1970. Seu destaque está na projeção de uma pluralidade de pequenos produtores, desde comunidades quilombolas até os religiosos da fraternidade franciscana vinculados ao convento, ao reunir a agricultura familiar de seis cidades (Cabo Frio e municípios vizinhos). Durante a feira, ocorrem apresentações de expressões afro, capoeira e músicos locais, assim como palestras e debates. O resultado com a feira reflete-se no aumento de público em até seis vezes, considerando o *livro de registro de visitantes*, em relação aos dias em que não há a promoção de ações. Outro efeito é a geração de novas demandas a partir das atividades ocorridas na feira, como a “**Astronomia no Museu**” que obteve sucesso tão grande que virou um projeto próprio, reunindo público específico interessado na ciência e observação de corpos celestes.

As ações vêm contribuindo de forma didática para esclarecer sobre a função social do MART, visto que a (re)interpretação do ambiente abre espaço à ampla capacidade do museu que passa a atuar junto à comunidade enquanto veículo para a preservação, não somente dos bens materiais sob sua guarda, mas de elementos que perpassam a análise do processo de identificação de Cabo Frio e cidades vizinhas, frente ao processo devastador deflagrado pela demanda com o turismo de sol e praia. O retorno vem para o museu com o sensível aumento e a diversificação de seu público visitante, bem como a criação de vínculos de boa parte desta audiência com o monumento e seus bens integrados.